

Identidade profissional docente em música: saberes e aprendizagem da docência no tempo e no trabalho

Comunicação

Regiana Blank Wille

Universidade Federal de Pelotas

regianawille@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta dados de uma pesquisa realizada com professores de música em um município brasileiro. Foi um trabalho de abordagem qualitativa a partir de entrevistas semi-estruturadas com professores/educadores musicais e a construção do objeto de pesquisa foi a partir da voz do professor de música/educador musical. A base teórica parte de autores como Claude Dubar, Stuart Hall, Antonio Nóvoa, Maurice Tardif, Carlos Marcelo entre outros, mesclando assim teóricos da Educação Musical, da Sociologia, da Educação e dos Estudos Culturais, na tentativa de contemplar a complexidade das abordagens. O objetivo principal deste recorte é refletir sobre as relações que professores tem realizado com os seus saberes, e, em qual medida a socialização profissional foi sendo construída. A construção profissional é algo, que vai sendo desenhada ao serem mobilizados os saberes dando forma à sua identidade.

Palavras chave: Identidade profissional docente, sabers docentes, educador musical.

Saberes e aprendizagem da docência no tempo e no trabalho

Ao tematizar a construção da identidade profissional dos docentes de música numa pesquisa de doutorado¹, o foco foi o trabalho docente, como, estes professores o realizam, e como a partir daí constroem suas identidades profissionais. Para Dubar (2005), quando trabalhamos não somente transformamos algum objeto ou determinada situação em alguma outra coisa, mas transformamos nós mesmos em e pelo trabalho. Significa que trabalhar, não é somente realizar determinada tarefa, fazer algo, mas é fazer uso de si mesmo, consigo mesmo. O que fazemos ao longo do tempo, da nossa carreira docente vem conformando nossa

¹ A tese foi defendida em julho de 2013.

identidade que virá acometida pelas marcas do que realizamos, pela nossa atuação enquanto profissional.

Segundo Tardif e Raymond (2000) “se o trabalho modifica o trabalhador e a sua identidade, modifica e sempre com o passar do tempo, o seu ‘saber trabalhar’”. A experiência do trabalho acaba gerando uma espécie de “drama” do uso que é feito de nós mesmos e nossa identidade carrega as marcas desse uso, dessa atuação profissional, Sendo assim, se o trabalho modifica a nós professores, a nossa identidade, enquanto profissional, com o passar do tempo modifica o nosso “saber trabalhar” (TARDIF e RAYMOND, 2000; p. 210).

Abordar a questão dos saberes dos professores, participantes desta pesquisa, teve um importante significado, porque não é possível compreender a questão da identidade profissional, sua construção, sem inseri-la na história destes atores, suas ações, seus projetos e seu desenvolvimento profissional. A trajetória profissional, a carreira, não é algo estático e possível de ser previsto objetivamente. E como afirmam Tardif e Raymond (2000, p. 238): “Essa historicidade se expressa e se imprime nos fundamentos e saberes profissionais dos professores,”. E ressaltam, ainda, os autores que estes saberes, fundamentos do ensino são existenciais, sociais e pragmáticos.

Ao serem questionados a cerca da importância dos saberes profissionais, os professores² colocaram em evidência a dimensão temporal dos saberes e deles enquanto atores. Através de seus relatos, fica perceptível, que as transformações que ocorrem ao longo do tempo, o que é incorporado e às vezes consolidado ao longo da carreira, provém da sua socialização, enquanto pessoa e profissional.

A trajetória de Iris, uma das professoras, é um exemplo, de que o professor é um sujeito existencial³ e não somente um sujeito epistêmico que é capaz de processar informações extraídas de um contexto ou situação, utilizando apenas seu sistema cognitivo. Através de sua fala serena, ela exprime, o quanto acumulou ao longo da sua experiência, são saberes

² A pesquisa foi realizada com participação de oito professores da rede municipal.

³ Existencial aqui conforme Tardif (2000) no sentido da tradição fenomenológica e hermenêutica, “um ser no mundo”.

expressos através das suas experiências pessoais e profissionais, que são cognitivas, mas também emocionais e afetivas extremamente significativas na construção da sua identidade:

As minhas aulas foram melhorando ao longo do tempo eu acho, ganhando mais qualidade, mas eu acho que as turmas poderiam ser menores. As turmas muito grandes, fica difícil de trabalhar, certas coisas que a gente gostaria de trabalhar, aí não consegue. [...] Porque eu fui lendo mais, eu fui estudando mais, algumas coisa que eu tinha dúvida, no início a gente sempre começa meio assim ainda com dúvidas, não sabe exatamente e também a experiência assim, oh, a gente passa a conhecer mais os adolescentes, a saber mais o que é que eles querem e o que eles gostam, e o que eles não gostam, e as peculiaridades da idade, coisas que acontecem na adolescência e que no início da carreira a gente é meio insegura e acha assim que algumas coisas são pessoais e depois tu vai vendo que não são, que são coisas da adolescência mesmo, né?! A irreverência assim, o comportamento deles, então tu começa a lidar melhor com eles, a entender mais eles. Eu acho que isso ajudou bastante a experiência profissional (Iris, CE; p. 4).

Iris demonstra, ser extremamente comprometida com sua história seja esta familiar e pessoal, no sentido social e também escolar. Ela destaca, suas dificuldades no cuidado e atenção à família, os problemas sociais das escolas em que atua, que aparecem nas dificuldades financeiras dos alunos e na aquisição do material para a aulas de música. Preocupa-se com a maneira pela qual, ela pode proporcionar aos alunos um melhor rendimento, ao se aproximarem do conhecimento musical. Esse comprometimento, lhe tem assegurado um alicerce de certezas, que modificam e estruturam suas ações, num caráter narrativo do saber docente. Segundo Tardif e Raymond (2000) exemplos como esse:

[...] mostram exatamente como esse lastro de certezas se constrói ao longo dos múltiplos processos de socialização por que passa o professor, e como elas se sedimentam, assumindo o papel de filtros interpretativos e compreensivos graças aos quais o professor compreende e realiza seu próprio trabalho e sua própria identidade (TARDIF e RAYMOND, 2000; p. 235).

Iris, traz claramente em sua fala, o quanto o período inicial da carreira é caracterizado pela estruturação do que Tardif (2010) denomina de saber experiencial, ou seja um saber ligado a experiência do trabalho. Esse saber, que vais se conformando ao longo do tempo dá certezas aos professores em relação ao seu contexto de trabalho, confirmando a sua capacidade de

ensinar. Essa constatação que Iris faz de sua capacidade de ensinar, é uma espécie de tomada de consciência dos elementos que fundamentam a profissão, que vem se articulando e sendo somados ao seu trabalho gradualmente e, com o passar dos anos, a tem levado à construção de sua identidade profissional (TARDIF, 2010; p. 86).

Mas essa constatação e essa integração ao ambiente de trabalho, à escola e a sala de aula, por vezes não ocorre de forma tão tranquila, e o início da carreira se realiza de maneira crítica. Nesse período, é que a experiência e os condicionantes da prática, trazem a tona sua formação universitária anterior, numa espécie de julgamento. Tulipa faz uma crítica não aos saberes, especificamente, mas àqueles que receberam estes saberes. Segundo a professora, os conhecimentos acadêmicos anteriores, obtidos durante a formação, seriam suficientes para o professor realizar um bom trabalho. O que a deixa frustrada, é justamente porque muitos professores, colegas seus da área de música, durante a formação, não demonstravam competência suficiente para atuarem, e hoje se encontram dentro da escola. Tulipa se ressent e lamenta porque, segundo ela, a sua competência, os seus saberes, são vistos com certa desconfiança, visto que, colegas com a mesma formação têm dificuldades em realizar o trabalho, visto terem dificuldades anteriores. A professora faz referência, principalmente aos conhecimentos técnicos musicais, que, segundo ela tem se mostrado insuficientes. Para Penna (2007), é importante que o curso de formação, reforce a vivência e o domínio da linguagem musical, experimentando-a de maneira significativa e de diversas formas, sem o mito do virtuosismo, presente nos cursos de bacharelado. O curso de formação precisa ter a clareza, de que o fazer musical do futuro professor deve ser articulado a diferentes práticas e diferentes músicas e, proporcionar um sólido domínio dos conteúdos específicos.

Talvez essa seja uma necessidade para Tulipa, alicerçar seu repertório de competências, para estes possam suportar a edificação dos saberes profissionais durante toda a sua carreira. Significa um trabalho mais coeso, onde todos possam trabalhar integrando concretamente suas atividades e assim, construindo suas identidades profissionais. Se considerarmos como Tardif e Raymond (2000) que:

Ensinar é [...] de maneira banal, fazer carreira no magistério, ou seja, entrar para uma equipe de trabalho, nela assumir um papel e desempenhar uma função, e procurar atingir objetivos particulares definidos por essa equipe. O ensino é uma questão de estatuto (TARDIF e RAYMOND, 2000; p. 237).

Hortênsia mostra claramente, em seu relato, que os saberes adquiridos durante sua trajetória pré-profissional⁴, são importantes na sua construção identitária, enquanto professora de música. Ao contar sua história de vida fica perceptível, como ela foi sedimentando ao longo do tempo, progressivamente, a partir de várias experiências, o seu saber fazer, seu saber ser e que hoje os mobiliza ao exercer a profissão docente. A professora relata, que no início de sua trajetória muitas foram as questões que a deixaram em dúvida, formas de agir com os alunos, como atuar, dúvidas e até erros cometidos, que foram sendo sanados porque a competência foi sendo consolidada com o passar dos anos, e a partir das suas múltiplas experiências. Hortênsia, iniciou sua vida profissional com professora primária no interior de um município, abandonou o magistério, iniciou uma trajetória artística e retornou ao magistério anos depois, passando por várias escolas. Suas crenças, seus hábitos e suas representações, foram sendo selecionados e incorporados às suas rotinas diárias, ao longo de suas experiências profissionais.

Convém destacar como alertam Tardif e Raymond (2010, p. 69), que não é simplesmente uma “superposição de camadas de experiência”, ou seja, as experiências familiares e escolares, a formação universitária e o próprio decorrer do tempo, vão orientando e assimilando, os investimentos e as ações, na carreira. Portanto, são saberes temporais, que se incorporam ao longo do processo de vida profissional, sujeitos a fases e mudanças. Sendo então os saberes dos professores temporais, desenvolvidos e utilizados no âmbito de uma carreira, ao longo de todo um processo da vida profissional, eles têm presentes dimensões da socialização e dimensões identitárias (TARDIF e RAYMOND, 2010; p. 70). Ao se inserirem na escola, precisam se adequar a esse ambiente, aprender a viver na escola, se incorporarem às suas práticas e rotinas, um processo de rupturas e continuidades, conformando suas identidades profissionais.

⁴ Esses saberes são aqueles adquiridos durante a socialização primária e a socialização escolar (DUBAR, 2005; p. 144).

Quando questionei Lírio, a respeito dos saberes e da relação que os professores mantêm com estes saberes, ele foi claro ao apontar, partindo das suas categorias e do seu próprio discurso, a importância dada aos saberes oriundos da experiência e da prática:

Acho que pode existir os dois casos, no meu caso eu sempre... eu venho de uma família de músicos assim, sempre tive esse contato da música tocada em família, tem a questão da gaita, questão das pessoas cantando, a dança e tal. Hoje como profissional mesmo, eu lembro todas as danças que se fazia durante a minha relação de família, hoje eu trabalho lá com uma professora do Pelotense que é brincar e ludicidade e ela é professora de dança. Então a gente consegue relacionar muito bem aquela questão sonora que a gente tá fazendo e ela com a dança com os alunos, né?! Então acho que influencia, no meu caso influenciou bastante assim, essa questão do meio sonoro que eu convivi ao longo da minha história, com vô, com pai, com irmão, com mãe, com todos os tios ali, né?! (Lírio, CE; p. 14).

A partir dos saberes que foram adquiridos anteriormente, na socialização familiar, aliados à experiência profissional, Lírio pode realizar uma espécie de reativação, dos saberes anteriores, utilizando determinados modelos, os quais ele considerou, mais adequados à sua atuação. É uma historicidade que se manifesta e se mostra estampada nas rotinas de trabalho.

Fica perceptível, que os saberes profissionais estão também, na junção ou encontro de outras fontes de saberes oriundos da história de vida de cada um, da sua origem familiar, da sociedade, dos locais de formação anteriores e de outros atores educativos. Muitas experiências educativas, positivas ou negativas, contribuíram para a construção do “eu profissional” de cada professor aqui apresentado (TARDIF e RAYMOND, 2000; p. 215-216).

Percebo o quanto a relação entre os saberes profissionais e a carreira pode englobar diversos aspectos, e é essencialmente contígua ao tempo. No caso de Rosa, ela iniciou sua carreira docente, antes mesmo de se formar na universidade, aos poucos foi construindo um domínio do seu trabalho, gerando um bem estar pessoal e profissional. Esse saber profissional, mostra ainda sua dimensão identitária, pois contribui para definir esse compromisso durável com a profissão, como mostra Rosa ao constatar que algumas vezes o trabalho pode ser mais fácil ou mais difícil, mas que são processos de aprendizagem e de socialização, que atravessam a carreira profissional.

Jasmim, também compartilha da ideia de que o professor vai “aprendendo” ao longo do tempo, ou seja, que os saberes vão sendo consolidados no decorrer do trabalho e da própria história de vida. Mesmo que ele considere que a faculdade o tenha preparado bem, tem consciência que o tempo é fator importante na construção do trabalho. Como afirma Dubar (2005, p. 14), a identidade não é simplesmente um “dado”, algo adquirido e pronto, e sim um “construto”, que nos reporta aos “atos” daqueles que estão envolvidos ativamente em determinada atividade. Esses “atos” são os que justificam as práticas desses professores, como Jasmim, e dão sentido às suas escolhas:

[...] gosto de ler, tá sempre procurando mais, né?! Me aperfeiçoar assim, na teoria e também em conteúdos, por exemplo pra saber História da Música, História do *jazz*, História do *blues*, então acho que tem coisas que a gente tem que saber, claro que a gente não pode saber tudo né?! Mas sempre procura se aperfeiçoar assim (JASMIM, CE; p. 20).

Essa dimensão temporal do trabalho, essa prática da profissão, é extremamente importante para que esse professor adquira uma sensação de competência ao estabelecer suas rotinas ao longo da carreira, ou seja, na estruturação da sua prática docente. Essa construção de saberes oriundos da experiência acaba se transformando em certezas profissionais.

Gardênia reforça o que Tarfif e Raymond (2000, p. 239), já haviam afirmado: “O tempo não é, definitivamente, somente um meio [...] é também um dado subjetivo, no sentido que contribui poderosamente para modelar a identidade do trabalhador”:

Eu acho, é, eu acho e às vezes tenho medo dos meus achares a esse respeito, eu, eu sou uma pessoa que gosto, amo música [...] mas eu ainda acho que o estudo da música, tu, tu pegar e te profissionalizar é uma coisa muito importante, tu... isso não pode... aí tudo é muito lindo, qualquer um pode aprender a tocar, eu penso assim, qualquer um, mas não é qualquer um que pode passar isso, é, eu não sei se é bem isso que tu tava, que tu perguntou...eu acho que tu tens que fazer, que pensar em ti como alguém que está ali passando conhecimento, não só porque tu tocas bem, ou não só porque tu teve a vida inteira tocando, [...] eu acho que pra tudo tem uma maneira e eu noto isso quando os alunos, em poucas palavras eles conseguem entender, então eu fico pensando, será que se eu não tivesse feito o curso, será que se eu não tivesse buscado me profissionalizar e busco até hoje Um professor que busca se livrar dos tais cadernos amarelos, mas que mesmo assim busca a sua formação. Eu sinto que a minha, que eu sou uma outra pessoa que eu era no

início, porque tudo o que eu vi, tudo o que eu experimentei, tudo o que eu li, tudo... eu acho que é muito importante! Eu tenho muito orgulho assim de ser, hoje eu sei que sou o que sou, por pessoas que eu conheci exemplos do curso, inclusive a FAE, o curso de Pós-graduação, por isso a espera por um mestrado... (GARDÊNIA, CE; p. 10-11).

Esse passar do tempo profissional, da carreira, aonde o “eu pessoal” vai entrando nesse universo do trabalho, vai aos poucos construindo um “eu profissional”. Quando Gardênia relata suas experiências, transparece a sua própria noção sobre o que é um professor mais experiente, que ao longo do tempo, pode refletir e contar sobre o que vem fazendo, sobre sua representação do que é ensinar e trabalhar com o ensino de música. Percebo claramente, como esse tempo decorrido, que inclui a socialização familiar, a formação, os primeiros anos da docência, aparecem como um processo de aquisição do domínio sobre o trabalho, sobre os seus saberes, um conhecimento de si mesmo, enquanto profissional.

Delfim, quando fala da sua experiência enquanto professor, mesmo anterior a sua formação universitária descreve como os saberes profissionais, pedagógicos e especificamente musicais, foram se ajustando através da experiência. A partir das suas práticas de trabalho, onde teve que resolver situações, interagir com outras pessoas, resolver problemas da mais diferentes ordens, avaliar e muitas vezes modificar suas formas de ver e proceder, Delfim, foi construindo sua identidade enquanto professor de música, também através do tempo.

Efetivamente, percebo o quanto a identidade de Delfim, vem se modelando nesse processo de socialização advinda da escola, isso porque ele demonstra uma necessidade na aquisição de saberes profissionais que melhor o orientem e conduzam, e ainda, porque há uma tentativa da sua parte em interiorizar normas e preceitos que regulam sua atividade e seu desempenho. São “passagens”, “momentos” do tempo, em que ele vem construindo e até reconstruindo, sua identidade profissional. Como já afirmou Tardif e Raymond (2000, p. 213): “os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos...”. São saberes que vão sendo construídos também ao longo do tempo e dos desafios que se apresentam.

Saberes conformam a identidade

Portanto, reconhecer os saberes que os professores utilizam na sua rotina profissional, bem como sua relação temporal, é perceber que uma parte importante das suas competências, seus saberes têm origem na sua história de vida. O professor que busca aos poucos ir definindo seu estilo, sua maneira de atuar e utilizar seus saberes vai, aos poucos, definindo formas identitárias. E irá utilizar seus referenciais de espaço e de tempo, consolidando aquilo que foi válido e produtivo, legitimando as certezas de suas experiências.

O processo de construção profissional é algo, que vai sendo desenhado. Ao ouvir o relato de Narciso, pude melhor compreender de que forma ela tem mobilizado os seus saberes, seus conhecimentos, seus valores e suas crenças, dando assim forma à sua identidade, enquanto docente. Percebo como esses saberes, são compreensivos e extremamente arraigados no discurso desses professores, identifico como as continuidades e rupturas, os interesses, as preocupações no tempo e no espaço, compõem os vários espaços cotidianos em que estes professores atuam. Foi possível identificar, de que forma esses saberes, esses conhecimentos podem ser os conhecimentos sociais compartilhados, os quais se têm em comum com os alunos, além daqueles provenientes da integração e participação na vida cotidiana da escola, e também do conhecimento partilhado com os pares e os pais. Estes são conhecimentos e maneiras de ser coletivos, são significados múltiplos, num mesmo vivido, que se conformam e contribuem na composição das identidades profissionais.

Referências

DUBAR, Claude. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANÁRIO, Rui et al. **Formação e situações de trabalho**. Porto: Porto Editora, p. 43-52, 1997.

DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Trad.;; Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, nº 16, p. 49-56, mar. 2007.

TARDIF, Maurice e RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, ano XXI, nº 73, dez/ 2000. p. 209 – 244.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.